

SEGUNDO CADERNO

DOMINGO 8.5.2016
oglobo.com.br

LEONARDO LICHOTE
lichote@oglobo.com.br

FOTO DE LEO MARTINS

Fernanda Abreu abre o disco "Amor geral" com "Outro sim": "Outrora, outra vez, outro lar/ Outro lugar, outra mulher, outro homem/ O trem vai pra uma outra estação/ Um outro inverno e lá vem outro verão", diz a letra, embalada pelo groove de Vladimir Gasper (eletrocinomine de Pedro Bernardes). A canção funciona como manifesto dessa volta da cantora, de seu hoje, 12 anos depois de seu último álbum de estúdio, "Na paz" — em 2006, ela lançou "MTV ao vivo". "Outro sim" é uma canção de recomeço contundente, de afirmação do verão que vem depois do inverno, da beleza que vem após o caos — para citar os dois conceitos opostos complementares sobre o qual se equilibra a cidade retratada em "Rio 40º", seu maior sucesso.

— Nesse período minha vida pessoal foi sacudida. Minha mãe entrou em coma em 2008, e comecei a viver esse luto estranho, de alguém que não está morto, mas também não está presente. Paralelamente, comecei a questionar meu casamento (com o artista gráfico Luiz Stein), um casamento de 27 anos, com duas filhas — conta Fernanda, sentada em seu estúdio, o Pancadão, onde gravou o novo disco, que será lançado no dia 20. — Comecei a fazer análise. Sentei na frente do analista e disse: "Tô aqui pra conseguir me separar e resolver um luto que está complicado".

Enquanto tentava converter caos em beleza na vida pessoal, o cenário profissional também exigia cuidado. Ela viajou com a turnê do "MTV ao vivo", depois montou o show "Eletroacústico" (um formato mais voltado para teatros), participou de projetos como "Elas cantam Roberto Carlos", "Baile do Simonal" e "Um barzinho, um violão". Mas um novo disco demorou a aparecer no horizonte.

— No meio de tudo da minha vida pessoal, o mercado de música estava indo ladeira abaixo: pirataria, depois o lance é o iTunes, depois o lance não é mais o iTunes, é o streaming... Até 2008 eu estava ainda trabalhando o "MTV ao vivo" e não tinha vontade de gravar um álbum novo. Depois, pensei: "Vou fazer disco novo pra quê?"

Fernanda foi se remontando — o mercado, de alguma forma, também — e começou a se desenhando um terreno para "Amor geral". Participando de um show em São Paulo, ela conheceu o baterista Tuto Ferraz, que se tornaria seu namorado — e um estopim central para detonar o processo de produção do disco.

— Ele chegou: "Tá bom, Fernanda, chegou a

CAOS

BELEZA

ABREU

Depois de superar a morte da mãe e uma separação, cantora lança 'Amor geral', 12 anos após o último disco de estúdio, e defende o sentimento como antídoto para um mundo que anda para trás

hora de cuidar da música" — conta. — Me fez sentar na bateria, peguei meu violão de novo, busquei minha guitarra que estava encostada.

Fernanda começou a escrever as canções que se converteriam em "Amor geral" — das dez faixas do álbum, nove são dela, só ou com parceiros.

— É um disco muito autobiográfico. Tem música pra minha mãe ("Antídoto"), pro Luiz (Stein, "O que ficou"), pro Tuto ("Valsa do desejo")... É a primeira vez que faço assim, porque normalmente fazia mais crônicas, criava personagens.

As composições foram se seguindo num bom ritmo ("Quando rola o gatilho fica fácil, quanto mais você faz, mais quer fazer, como o sexo", define). Fernanda então começou a imaginar como vestiria sua nova safra:

— "Para onde vou avançar?", eu pensava. Fui a

muitos shows, estúdios, me aproximei de Pedro Bernardes, Qinho, Leo Justi... Fui nessa, escolhendo as músicas, as pessoas para cada música (Fernanda assina a direção musical, mas a produção das faixas é dividida por Liminha, Bernardes, Rodrigo Campello, Sergio Santos, Tuto e T.R.U.E, que é como assina a dupla Qinho e Gui Marques).

O álbum reflete essa renovação do som de Fernanda, mas ao mesmo tempo há uma assinatura do estilo que a artista desenvolveu em seus discos anteriores. "Tambor" — um passeio pela história e pelas ancestralidades do funk carioca, com participação de Afrika Bambaataa — conversa com "Da lata" (1995). A elegância funky de "Por quem?" é filha de "SLA radical dance disco club" (1990). Ela soa como uma artista de 54 anos, com toda a sua história, mas falando em 2016.

— Não queria soar como pastiche do que se faz hoje. Tenho meu jeito. Digo que quero uma guitarra ali, e se me respondem "ah, não se está usando mais" eu rebato: "só lamento" — diz Fernanda. — É um disco pop. Cada vez que virava algo mais experimental, eu mandava voltar. Queria punch. Sinto falta de punch na música brasileira hoje. Tem muito indie, muito low profile, muito ukelele... É legal, mas tá demais da conta.

Punch para vestir canções de amor. Uma escolha perfeitamente adequada quando se percebe de que amor ela fala (o romantismo está lá, mas seu olhar vai além). Num texto sobre o disco, ela explica: "Num momento em que o mundo parece andar pra trás desprezando e atropelando o respeito às liberdades de expressão sexual e afetiva, às formas alternativas de família, às diferenças culturais e religiosas, à tolerância no convívio social e no trato pessoal, apresento 'Amor geral' como uma espécie de antídoto". Isso vem na faixa-título — texto sobre o amor dito entre beats, tamborim e violão sete cordas — e na liberdade sexual-afetiva de "Double love", dos versos "Muito bem, muito bom/ Mas agora tá desesperado/ Só porque eu saí com outro/ Com uma outra/ Eu gosto tanto de você/ Tenta compreender/ (...) Você sabia da minha atualidade?".

— No meio dessa carette, com a direita saindo do armário total, você tem que falar disso aí. Tinha que ser um disco de vibe libertária, que trouxesse esse desejo de olhar para o outro.

Os rumos do país e da cidade, ambos fervendo a 40º, também estão nesse entroncamento de ódio e amor de 2016, acredita a cantora.

— Há uns anos, o Rio estava mais beleza, com o começo da UPP, a ideia de que a cidade podia não ser mais tão partida. Mas quando se notou que só a polícia ia entrar na favela, mas não o saneamento e a educação, começou a mudar pra caos. Hoje os cariocas perderam o sentido de pertencimento. O que é a Linha 4 do metrô, o VLT? O carioca não sabe, não participa das decisões. No nível federal, temos esse cenário: o Temer é um golpista, se fosse para ter um impeachment deveria sair também. O jeito é renovar os quadros, mas a política é tão podre que quem é bom se afasta dela. Então ela fica pros filhos de quem está aí: o filho do Cabral, do Picciani, o neto do ACM. Esses são os novos? — diz Fernanda, como que querendo crer nos versos de "Outro sim": "Outro sentido ou saída/ Outra maneira ou medida/ De dar a volta por cima, querendo dá". ●

COM VÁRIAS IDENTIDADES, ÁLBUM TEM MOMENTOS PARA DANÇAR E REFLETIR